

# O QUE É O CASAMENTO?

José de Alencar

**Comédia em Quatro Atos**

1861

PERSONAGENS

AUGUSTO MIRANDA, 36 anos.  
HENRIQUE, 21 anos, *sobrinho de MIRANDA*.  
SALES, 25 anos.  
SIQUEIRA, 50 anos, *sogro de MIRANDA*.  
ALVES, 33 anos, *negociante*.  
JOAQUIM, 45 anos, *preto escravo*.  
ISABEL, 23 anos, *mulher de MIRANDA*.  
CLARINHA, 17 anos, *prima de ISABEL*.  
RITA, 38 anos, *parda escrava*.  
IAIÁ, 3 anos.

A cena é no Rio de Janeiro e Petrópolis, de 1859 a 1860.

ATO PRIMEIRO

Em casa de MIRANDA - *Sala de visitas*.

CENA PRIMEIRA

MIRANDA e ALVES

(ALVES *entrega o cartão a JOAQUIM e espera*)

MIRANDA - Lendo o teu nome, duvidei que estivéssemos em outubro.

ALVES - Como passas? Por quê?...

MIRANDA - Não é só pelo Natal que temos o prazer de ver de ano em ano o teu cartão de visitas?... Quanto à tua pessoa, essa apenas de passagem em alguma reunião.

ALVES - Tens razão! Mas acredita que sou o mesmo.

MIRANDA - Devias dar-me ocasiões de verificá-lo. Dois velhos amigos como nós sentem de tempos a tempos necessidade de conversar.

ALVES - Que queres?... A fortuna teve inveja de nos ver tão unidos, e separou-nos. Estás brilhando na política.

MIRANDA - E tu enriquecendo no comércio.

ALVES - Estás casado.

MIRANDA - Por que não fazes o mesmo? É tempo.

ALVES - Confesso-te que já me sinto gasto para esta vida de celibatário. Às vezes nem sei o que fazer de minha liberdade. Mas quando me lembro do casamento, só a idéia me assusta.

MIRANDA - Pouco a pouco te irás habituando a ela, e um belo dia, quando menos pensares, estarás casado.

ALVES - Duvido. Fazer a felicidade de duas criaturas de gênios, de ocupações, de idades diversas é um problema social que na minha opinião ainda não foi resolvido, e não me sinto com forças de o tentar.

MIRANDA - São idéias que todos temos quando profanos. O casamento, Alves, é o que foi entre nós há algum tempo a maçonaria, de que se contavam horrores, e que no fundo não passava de uma sociedade inocente, que oferecia boa palestra, boas ceias. Há dois prejuízos muito vulgares: uns supõem que o casamento é a perpetuidade do amor, a troca sem fim de carícias e protestos; e assustam-se com razão diante da perspectiva de uma ternura de todos os dias e de todas as horas.

ALVES (*rindo*) - Na verdade é desanimadora; sobretudo nesta época de vapor e eletricidade.

MIRANDA - Justo!... O outro prejuízo é daqueles que supõem o casamento uma guerra doméstica, uma luta constante de caracteres antipáticos, de hábitos, e de idéias. Esses, como os outros mas por motivo diferente, tremem pela sua tranqüilidade, Entretanto a realidade está entre os dois extremos. O casamento não é nem a poética transfusão de duas almas em uma só carne, a perpetuidade do amor, o arrulho eterno de dois corações; nem também a guerra doméstica, a luta em família. É a paz, firmada sobre a estima e o respeito mútuo; é o repouso das paixões, e a força que nasce da união.

ALVES - Concordo. Mas que dificuldade para conservar essa paz matrimonial... Não é preciso que o homem sacrifique a sua individualidade e se dedique todo à família?

MIRANDA - Como te iludes! É quando o homem goza da plena tranqüilidade do seu espírito; quando lhe sobra todo o tempo para as ocupações sérias da vida... julgo por mim.

ALVES - E o tempo para amar a sua mulher e fazer a sua felicidade?

MIRANDA - Não me compreendeste então, Alves. O amor conjugal é calmo e sério; vive pela confiança recíproca, e alimenta-se mais de recordações do que de desejos. Um exemplo: nós já não somos os companheiros inseparáveis de estudos e de prazeres que fomos outrora; apenas nos encontramos de longe em longe, e trocamos rapidamente uma palavra, ou um aperto de mão. Entretanto isto basta: nenhum duvida da amizade do outro. Ambos temos a certeza de que possuímos um amigo dedicado; e essa certeza é um gozo superior a qualquer demonstração frívola e banal. Pois bem: perfuma essa amizade com a graça e a ternura inseparável da mulher, e terás a imagem perfeita de um casamento feliz. Vou te fazer uma confidência... (*Entra ISABEL*) É minha mulher... já a conheces...

ALVES - Conheço-a; mas ainda não tive o prazer de falar-lhe.

CENA II

*Os mesmos e ISABEL*

MIRANDA - Bela!... Apresento-te um ingrato, sim, porque nos desdenha. É o Alves, meu mais íntimo amigo, a quem devo tudo... sabes?

ISABEL - Ah! foi o senhor que salvou Henrique!

ALVES - Apenas ajudei-o a salvar-se.

MIRANDA - Lançando-te ao mar com risco de tua vida. Chamas a isto ajudar?

ALVES - Perdão! Augusto estava me convertendo ao casamento, minha senhora.

ISABEL - É lisonjeiro para mim.

MIRANDA - Queres saber o que mais o horrorizava, Bela? Era a idéia de ficar hipotecado corpo e alma à sua mulher.

ALVES - Não; não é isso que me assusta, mas o receio de não poder ou não saber fazê-la feliz.

MIRANDA - Não te hás de casar com uma mulher que não tenha inclinação por ti e que não te estime. Portanto que receio é este?

ISABEL - Decerto, Sr. Alves. Não nos suponha tão difíceis. Fazer a felicidade de uma mulher é cousa que custa tão pouco, àqueles que o desejam!

ALVES - Enfim, tratarei de seguir o teu conselho, Augusto.

MIRANDA - Já nos deixas?... Nem por serem tão raras as tuas visitas?...

ALVES - Esta é de despedida. Por isso desculpa.

MIRANDA - Como assim?...

ALVES - Vou a S. Paulo e de lá a Minas. *(Entra CLARINHA.)*

MIRANDA - D. Clarinha, prima de minha mulher. O Sr. Alves, meu amigo. *(Cumprimentos.)*

ALVES - Talvez possa te ser útil nesta viagem. Tenho amigos que não duvidarão interessar-se pela tua candidatura.

MIRANDA - Quando partes?

ALVES - Nestes dois dias.

MIRANDA - Bem; havemos de nos ver ainda. Eu te procurarei. Pretendes demorar-te até o tempo das eleições? (CLARINHA e ISABEL *conversam.*)

ALVES - Talvez seja obrigado a ficar por lá um ano.

MIRANDA - Que resolução tão repentina foi esta?

ALVES - Eu te digo. Os meus negócios não andam bem; tenho-me visto em sérios embarços. Se não conseguir até o fim do ano próximo realizar o nosso ativo, não sei o que sucederá. Por isso resolvi deixar a casa sob a direção de meu sócio; e ir eu mesmo fazer essas cobranças.

MIRANDA - Sinto que estejas em dificuldades. Lembra-te que nessas ocasiões é que servem os amigos. O meu casamento trouxe-me alguma fortuna. Far-me-ás obséquio dispondo dela.

ALVES - Obrigado, Augusto, obrigado. Não será necessário; tenho fé nos meus devedores. Até amanhã. Minhas senhoras!

ISABEL - Boa viagem, senhor Alves! Dizem que as paulistas são bonitas; é natural que o convertam.

ALVES - Não creia. minha senhora! Quem resistiu às fluminenses, é um herege que já não tem salvação.

CENA III

ISABEL e CLARINHA

(ISABEL *sentada*, CLARINHA *em pé*)

CLARINHA - Verás que ele ainda não vem esta noite. ISABEL - Quem?

CLARINHA - Onde estás com a cabeça, Bela? de quem falávamos nós?

ISABEL - Ah! De Henrique?

CLARINHA - Dele mesmo.

ISABEL - E dizias que ele não virá esta noite?

CLARINHA - É o mais certo. Com o pretexto da chuva... Tu não quiseste mandá-lo chamar para que nos acompanhasse ao teatro... Era o único meio de fazê-lo passar a noite conosco.

ISABEL - Sabes que eu não gosto de sair sem Augusto!

CLARINHA - Se formos a esperar por ele, não sairemos nunca! Então agora que lhe meteram na cabeça ser deputado! O verdadeiro é ires te habituando. Quem nos acompanhava quando estivemos em Petrópolis, não era Henrique?

ISABEL - Sim... mas hoje não estava com disposição de sair, Clarinha.

CLARINHA - Quem te obrigava a sair? Ele vinha... Dava-se uma desculpa...

ISABEL - Ele virá independente disso.

CLARINHA - O que perdes?

ISABEL - O quê?... Perco o teu vestido de noiva.

CLARINHA - Deveras, minha senhora?... Também quer zombar de mim? (*Beijando-a*) Ah! Se a dificuldade estivesse no vestido!

ISABEL - Não há dificuldade alguma.

CLARINHA - Ah! para ti é como se estivesse feito.

ISABEL - E há de fazer-se, Clarinha, eu te prometo.

CLARINHA - Ora! Se ele não quiser, menos eu.

ISABEL - Ele quer; não te tenho dito tantas vezes!

CLARINHA - Tu, muitas; mas Henrique nem uma só.

ISABEL - Se foges dele!

CLARINHA - Então eu é que lhe hei de fazer a corte?

ISABEL - Fazer, não; mas aceitar, Clarinha.

CLARINHA - Ora, Bela, o tal sonso do senhor Henrique bem sabe que uma moça quando se esquiva é para ser perseguida.

ISABEL - Nem sempre. (JOAQUIM *traz luzes.*)

CLARINHA - Eu falo das moças; não falo das senhoras casadas. (*Olhando a pêndula*) Mais de oito horas!

ISABEL - Não é tarde.

CLARINHA - Querem ver que foi ao teatro?

ISABEL - Estás impaciente.

CLARINHA - Não sabes a razão?... É que hoje isso se decide.

ISABEL - Com toda essa pressa!

CLARINHA - Pois hei de estar gastando à toa o meu coração? Que contas darei depois a meu marido? Eu só pretendo querer bem uma vez... Mas essa há de valer por todas.

ISABEL - Se não encontrares a indiferença e o abandono!...

CLARINHA - Asseguro-te que não hei de sofrê-lo por muito tempo.

ISABEL - Será ele?

CLARINHA - Ah! (*Afastando-se.*)

ISABEL - Que é isso? Em que ficou a resolução de há pouco?

CLARINHA (*Gesto de silêncio*) - Queres que ele suspeite que o estava esperando? (*Folheia as músicas no piano.*)

CENA IV

*As mesmas e* HENRIQUE

HENRIQUE - Boa noite, Clarinha!

CLARINHA - Ah! que susto que eu tive! Não o vi entrar. (*Aperta-lhe a mão.*)

HENRIQUE - Bela!

ISABEL - Adeus, Henrique! (*CLARINHA na janela.*)

HENRIQUE (*Meia voz*) - Incomodo?

ISABEL - Clarinha!

CLARINHA - O que é?

ISABEL - Vem conversar!



CLARINHA - Quem me quer, me procura, minha senhora.

ISABEL (a HENRIQUE) - Sabe com quem é aquilo.

HENRIQUE - Clarinha gosta dos girassóis. (A ISABEL, *baixo*) Desejo falar-lhe.

CLARINHA - Tenho esse mau gosto.

HENRIQUE - Pois eu prefiro as saudades. (*Olha ISABEL.*)

ISABEL (*meia voz*) - Não!

CLARINHA - Já sabia disso.

HENRIQUE (*a meia voz*) - Pela última vez!...

ISABEL (*idem*) - Lembre-se do seu tio!

HENRIQUE (*idem*) - Espere-me nesta sala!

ISABEL (*idem*) - Que loucura é esta?

CLARINHA - Se é de mim, podem falar alto.

HENRIQUE - Estávamos tão longe daqui!

CLARINHA - No mundo da lua talvez.

HENRIQUE - Tem razão, Clarinha. Eu sou um louco. (*Ergue-se.*)

ISABEL - Henrique!

CLARINHA - Zangou-se por um gracejo!

ISABEL - Está hoje triste; vê se o consolas.

CLARINHA - É cousa para que não tenho jeito, Bela.

ISABEL - E dizes que o amas! (*Afasta-se.*)

CLARINHA (a HENRIQUE) - Ainda está mal comigo?

HENRIQUE - Por quê?

CLARINHA - Pelo que lhe disse.

HENRIQUE - Nem já me lembro o que foi.

CLARINHA - Muito obrigada!... Não esperava tanto da sua amabilidade. (*Afasta-se.*)

ISABEL (a CLARINHA) - Vamos jogar!

CLARINHA - Joga com o Sr. Henrique!

HENRIQUE - É verdade! Façamos alguma cousa para passar o tempo.

CLARINHA - Ele passa tão devagar nesta casa!

HENRIQUE (a ISABEL) - Não quer jogar?

ISABEL - Clarinha está arrufada. Não tem graça (*Vai ao piano.*)

HENRIQUE - Toque um pouco.

ISABEL - Já esqueci o que sabia.

HENRIQUE - Que desculpa, Bela!

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

